



“Between Flesh and Data”

Em Busca das Origens Ficcionalis da Cibercultura*

Jorge Martins Rosa¹

Resumo: A expressão “Data Made Flesh”, retirada de *Neuromancer*, de William Gibson, é simultaneamente o título de um conhecido artigo de Eugene Thacker e de uma antologia de textos organizada por Robert Mitchell e Phillip Thurtle, e sintetiza bem os discursos (quer implicados quer críticos) em torno duma cultura que se tornou “ciber-” e de um humano que se tornou “pós-”. Com o projeto de investigação “A Ficção e as Raízes da Cibercultura”, foi nossa intenção recuar aos primórdios da (re)descoberta do prefixo “ciber-”, com a cibernética de Norbert Wiener, procurando encontrar – mas não na teoria, e sim na ficção – as primeiras pistas que levariam em tempos mais recentes à disseminação desses discursos e das práticas (em particular no campo da informática) que simultaneamente os consubstanciam e os legitimam. Com esta comunicação, apresentar-se-á uma análise a uma amostra parcial dum corpus de cerca de 100 títulos de ficção anteriores a 1970 (no caso, publicados nas décadas de 50 e 60): contos e noveletas que têm em comum a relação entre a informação (num conceito shannoniano e wieneriano) e o indivíduo.

Palavras-chave: Cibercultura, Ficção Científica, Informação.

Abstract: “Data Made Flesh”, an expression originally in William Gibson’s *Neuromancer*, is also the title of a known paper by Eugene Thacker and of an anthology edited by Robert Mitchell and Phillip Thurtle. It synthesizes the discourses (either engaged or with a critical stance) surrounding a culture that has become “cyber-” and of a human that has become “post-”. With the research project “Fiction and the Roots of Cyberculture”, our goal was to go back to the early times of the (re)discovery of the prefix “cyber”, with Norbert Wiener’s cybernetics, aiming at finding – not in theory but rather in fiction – the clues that would lead, in more recent times, to the generalization of those discourses and the practices (particularly in the field of informatics) that both embody and legitimize them. In this talk, we will present an analysis of a subset of a corpus of more than 100 fictional titles published before 1970 (in this specific case, mostly in the 1950’s and 1960’s): short stories and novelettes that have in common the establishment of a link between information (in the vein of Shannon and Wiener) and the human being.

Palavras-chave: Cibercultura, Ficção Científica, Informação.

* Artigo apresentado na sessão temática “História e Teorias da Comunicação e da Imagem” do VI Congresso da Sopcom. Realizado no âmbito do projecto “A Ficção e as Raízes da Cibercultura” (PTDC/CLE-LLI/099000/2008), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

1 Doutorando em Ciências da Comunicação. Professor Auxiliar do Departamento de Ciências da Comunicação da FCSH-UNL e investigador do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens. Email: dedalus.jmmr@gmail.com

“I like to think (and
the sooner the better!)
of a cybernetic meadow
where mammals and computers
live together in mutually
programming harmony
like pure water touching clear sky.”
Richard Brautigan, “All Watched Over by Machines of Loving Grace”

1. Turtles all the Way Down.

“Ms Fnd in a Lbry”, conto quase desconhecido de Hal Draper publicado pela primeira vez na edição de Dezembro de 1961 do *Magazine of Fantasy & Science Fiction*, narra a “futura” solução de um problema que nos vai sendo cada vez mais familiar: como manter organizada a informação à medida que ela se expande em múltiplos suportes:

“On the mother planet there are early traces of *books*. This word denotes paleoliterary records of knowledge [...]. Of course, these disappeared very early, [...] when their increase threatened to leave no place on the planet’s surface for anything else. First they were reduced to micros, and then to supermicros, which were read with the primeval electronic microscopes then extant. [...] Next step was the elimination of the multitude of separate Bx² depositories in favor of a single building for the whole civilization. Every home on every inhabited planet had a farraginous diffuser which tuned in on any of the Bx at will.” (Draper, 1961, p. 53)

Mesmo descontando a previsão falhada de que se trataria de um sistema predominantemente analógico e físico, e deixando por ora de parte o tiro na *mouche* do “*farraginous diffuser*” em cada casa, o problema-chave persiste. Ou melhor, são dois os problemas, emergindo o segundo à medida que o primeiro se vai resolvendo: o excesso de informação, solucionado pela miniaturização, mas daí a necessidade de catalogá-la e indexá-la, levando a uma potencial regressão ao infinito de meta-informação, meta-meta-informação, etc.: “you wanted an Index to Indexes to Indexes which was to be found in a certain file of Files of Files of Files of Files of Files, which in turn was contained in a Catalog of Catalogs of Catalogs” (*idem*, p. 55).

2 Abreviatura de “books”, procurando denotar uma simplificação – mas também deturpação – da escrita, assim como o título “Ms Fnd in a Lbry” significa “manuscript found in a library”.

Neste pequeno conto, a 50 anos de distância – e a cerca de 30 do excessivamente conhecido subgênero que deu pelo nome de *cyberpunk*, encontramos já uma reflexão acerca de uma das características definidoras da cibercultura, ou, se se preferir um termo mais consensual e politicamente operativo, da sociedade da informação e do conhecimento. Mas esta é apenas a ponta dum icebergue que aqui pretendemos – mesmo que muito ao de leve – desvendar: o da atual crença numa relação inextricável entre a informação (num conceito shannoniano e wieneriano) e o indivíduo.

2. Mechanical Brides.

Fora da ficção, a história é conhecida. Katherine Hayles descreveu-a de forma quase incontornável em *How We Became Posthuman* (1999), de onde retiramos a seguinte passagem, com ela procurando condensar o ponto onde a sua argumentação se cruza com a nossa:

“Slowly this unruly mass of material began taking shape as three interrelated stories. The first centers on how *information lost its body*, that is, how it came to be conceptualized as an entity separate from the material forms in which it is thought to be embedded. The second story concerns how *the cyborg was created as a technological artifact and cultural icon* in the years following World War II. The third, deeply implicated with the first two, is the unfolding story of how a historically specific construction called *the human is giving way to a different construction called the posthuman*.” (Hayles, 1999, p. 2)

Interessa-nos aqui desenvolver esse nó em que a informação se intromete nas outras duas “histórias”, e, ainda mais do que Hayles, que dedica à ficção (científica) aproximadamente um terço da sua obra, explorar o modo como esta espelha – evite-se o termo “antecipa” – um imaginário ainda hoje em ascensão.

Uma pista importante para o reforço desta conexão pode ser encontrada em *The Self Wired*, de Lisa Yaszek (2002), obra que também privilegia a produção ficcional, em particular a do pós-Guerra, como índice dessa viragem rumo ao que convencionou chamar-se “pós-humano”:

“As Wiener emphasized in both these works, the study of ‘control and communication in the animal and the

machine' [...] challenged conventional distinctions between animals (especially human animals) and machines. [...] If all such systems – be they organic, social, or technological – operated according to this same basic principle [a capacidade de contrariar o aumento de entropia imposto pela segunda lei da termodinâmica], then it was necessary to redefine 'life' itself." (Yaszek, 2002, p. 5)³

Ora, esta potencial superação da diferença entre orgânico e maquínico – como já Bruce Mazlish notara em *The Fourth Discontinuity* (1993)⁴ – poderia igualmente ser minorada, ou mesmo neutralizada, afirmando tão-só que as semelhanças se restringem à capacidade que ambos têm de processar informação (entendendo esta num sentido já de si bastante “despojado”). Contudo, tal objeção falha justamente na medida em que o conceito veio a adquirir, com a Cibernética de Wiener tanto quanto com a Teoria Matemática do seu discípulo Claude Shannon, o papel de bitola uniformizadora da experiência. Primeiro no interior do corpo, depois no ser vivo enquanto um todo, e rapidamente também nesse outro “corpo” que é a sociedade, a informação apresenta-se como o “elo perdido” que tudo permite compreender e controlar:

“by providing a common language through which to describe diverse kinds of machines, theories of communication and control also provide a highly effective way to describe the human body. [...] By drawing attention to the formal correspondences between bodies and machines, then, cybernetics seemed to close the conventional gap between these two previously distinct categories. In doing so, it also suggested that the heretofore closed or intact biological body – like its technological counterpart – was essentially an aggregate of components available for de- and reassembly.” (Yaszek, 2002, pp. 7-8)

E se é certo que foi necessário esperar até que a imaginação popular finalmente tivesse entrado em sintonia com estas visões⁵, há contudo um acervo – minoritário mas relevante – de narrativas que lentamente as vão sugerindo.

3 Reproduzimos uma dessas passagens, no caso a de *The Human Use of Human Beings*, obra de 1950 aqui na tradução brasileira, que recebeu como título *Cibernética e Sociedade*: “Sempre que encontremos um novo fenómeno que partilhe, em certo grau, da natureza daqueles que já denominamos [como] ‘fenómenos vivos’, mas que não se conforme a todos os aspetos correlatos que definem o termo ‘vida’, vemo-nos defrontados com o problema de ou alargar o âmbito da palavra ‘vida’, de modo que passe a reabrangê-los, ou a defini-la de modo mais restrito, a fim de excluí-los.” (Wiener, 1984, pp. 31-32)

4 Mazlish procura com esse título reinterpretar as três grandes feridas narcísicas apontadas por Freud como passagens de uma ideia de descontinuidade (entre a Terra e o resto do Universo, entre o homem e os outros animais, entre a razão consciente e a irracionalidade inconsciente) à de uma mera gradação contínua. A quarta descontinuidade a eliminar, afirma Bruce Mazlish, é aquela que (ainda) separa os seres orgânicos e as máquinas.

5 Cf. a breve referência a Ulric Neisser: “In an investigation of cybernetic metaphors, psychologist Ulric Neisser claimed that ‘the metaphor of man-as-machine’ failed to adequately address the complex and sometimes contradictory ways that individuals experienced new scientific principles and technologies. Unlike earlier images such as the automobile [...], new ones such as the robot and the computer tended to surface in the popular imagination in largely dystopic forms.” (Yaszek, 2002, pp. 9-10).

3. “Information, Please!”

Tivemos já oportunidade de ver como “Ms Fnd in a Lbry” reflete, mesmo que sem grande preocupação de rigor científico, acerca do conceito de informação. Esta surge como algo “*disembodied*” que supre as necessidades de armazenamento e organização da cultura humana mas que, ao tomar essa tarefa em mãos, a torna exponencialmente maior e cada vez mais afastada da escala do humano⁶. “Uncollected Works”, de Lin Carter (publicado também no *Magazine of Fantasy & Science Fiction*, mas quase 4 anos depois, em Março de 1965), explora, com uma clara inspiração no conto “La Biblioteca de Babel” de Borges, o modo como esta noção puramente formal e combinatória de informação se incompatibiliza com o humanismo clássico, em particular com um dos seus conceitos-chave, o de “autor”.

Em vez duma grelha de salas hexagonais onde temos, em simultâneo, todas as combinações possíveis de livros, encontramos aqui uma curiosa invenção, o “Bibliac” que, a um ritmo digno dum computador atual, produz cada uma dessas combinações. Inicialmente não mais do que sequências aleatórias de caracteres, começam entretanto a surgir cópias de obras da história universal da literatura. Ainda que fique por explicar a implausibilidade de uma repetição perfeita – inclusive na cronologia de “publicação” – dessa história da literatura, depressa se atinge o presente, começando então a máquina a debitar obras que só serão escritas no futuro:

“‘The only direction is – forward,’ he said coolly. My shock must have been visibly traced on my features, [...]. ‘Last week I read the works that shall enrich the next century. *Bibliac* is printing the unwritten works of the future.’” (Carter, 1965, p. 192)

Em contos como estes dois, a ligação entre informação e sujeito é ainda ténue, mesmo que já identificável. É mais fácil, aliás, extrapolar, em cada uma das narrativas, consequências ao nível social do que ao individual. Seguindo uma

6 Como o demonstra o irónico final, um memorando (e subsequentes erratas) acerca do modo como deve ser catalogado o texto que entretanto acabámos de ler:

“(Handwritten memo) This report received L-43-102. File it under M⁴²A^{8E}³⁹.–T.G.

(Handwritten memo) You must be mistaken; there is no M⁴²A^{8E}³⁹ T. Replaced by *W-M²³A^{72E}³⁹ for duodenomattoid reports–L.N.“

(Handwritten memo) You damfool, you bungled again. Now you’ve got to refer to the Rx to straighten out the line. Here’s the correction number, stupid:” (Draper, 1961, p. 58)

abordagem ligeiramente diferente de Katherine Hayles, assumamos que existem (pelo menos) três ordens de magnitude: a da informação em si mesma, a do indivíduo que por ela é modificado – o *cyborg* num sentido quase literal, algures entre a definição original de Clynes e Kline, que Donna Haraway adopta no início do seu manifesto (Haraway, 1990) –, e finalmente a duma paisagem sociotécnica tão disseminada que, só por isso, também condiciona o indivíduo a uma subjetividade *cyborg* – a definição mais alargada desta autora feminista⁷.

O conto “Man’s Estate”, de Paul Ableman (originalmente publicado em 1970 numa coletânea de originais intitulada *Science Against Man*) exemplifica bem o papel determinante (muito mais do que apenas mediador) da informação nessa relação de quase simbiose entre o ser humano e o ambiente sociotécnico. Constantemente pontuada por pedidos de informação do protagonista ao sistema central – as ordens “Data!”⁸ –, a narração na primeira pessoa começa por assinalar as diferenças entre, diria Heidegger, uma língua de tradição e uma língua técnica:

“‘What language?’
‘Archaic English.’
‘Splendid. good show. Delightful tongue. Tongue of poets
and statesmen. Old Wilhelm Shakespear [*sic*] – wrote
plays. Data! Yes, yes, yes – sort of pretek projection.’”
(Ableman, 1970, p. 97)

Mas essa é apenas uma pincelada preliminar na narrativa⁹. Erradicadas as doenças e aumentada a longevidade humana, os “Cérebros” responsáveis pela administração das cidades permitiram que estas se desertificassem e que os restantes animais se extinguissem. Aliás, não fosse o facto de estes “Cérebros” não atuarem senão como resposta a ordens humanas ou em reação programada a estímulos externos e dir-se-ia que eram os humanos os seus servos:

“Brains can’t batter through with pure reason so they keep
us around. So, Brain dear, we still smarter than you, eh?
What? True, we won’t come up with anything for half a
micrade.” (*idem*, p. 99)¹⁰

7 Como bem assinala Lisa Yaszek, coexistem no famoso manifesto de Haraway diversas definições de *cyborg*, nem sempre compatíveis entre si, pois ainda qualquer dessas possibilidades pode vir a prevalecer. Mas pode dizer-se que há pelo menos “two extreme positions, each with its own distinct relationship to the advanced technologies of post-industrialism. In the first case, the cyborg can be understood as “the awful apocalyptic *telos* of the West’s dominations [...]. In contrast, Haraway’s second cyborg suggests how imagination and material reality intersect in a more positive and potentially progressive manner.” (Yaszek, 2002, pp. 13-14)

8 Inevitável lembrarmos do relato (mesmo que em segunda mão) que Mark Poster faz dos antigos serviços de informação pelo telefone, em *Information Please* (Poster, 2006, pp. 1-5). Hoje em dia, nem temos já a voz do outro lado da linha nem temos ainda o computador que responde às nossas ordens pronunciadas oralmente (ou temo-lo em muito más condições), mas em qualquer lado a informação está à distância de uma busca no Google.

9 Quase o mesmo se pode dizer desta curiosa referência, entre o pós-feminismo e a teoria *queer*: “Now my best friend is called – let’s call him Jones. I think he’s a him – data! Yes, semi-masculine.” (Ableman, 1970, p. 98)

10 E no entanto: “Cut! I did *not* request data! Fool! Brak! How can I neutralize if you anticipate? It’s obvious I must do it myself. Don’t intervene again unless I formally request data.” (*idem*, p. 100)

Os “Cérebros” são, de resto, responsáveis também por, sempre que tal se revele necessário, mergulhar os indivíduos num estado onírico que em muito se assemelha à outrora muito antecipada realidade virtual:

“Alright, it seems there was only one practical course. I gave the order and even as I felt the beams lifting me for a soft journey to the nearest air-bed, I was off on hypno-trip. The dream scenario was interesting but a trifle repetitive.”
(*idem*, p. 103)

Temos portanto uma autêntica – mesmo que imperfeita¹¹ – simbiose entre as máquinas e os humanos que restam. De um lado o armazenamento e o processamento (hiper-racional, dir-se-ia¹²) de informação, do outro a “imprevisibilidade criativa” da metade orgânica em que se tornou o ser humano:

“The Brains were begging for consultation. Of course they were! With a Class B tremor crashing through the city. And if I’d been a Brain I’d have beamed in immediately. But that’s it – the last distinction of being human – perversity, or, as I think of it, creative unpredictability. [...] The Brains would never breach protocol. They could have saturated me with information [...]. But they wouldn’t do it. Even if it meant my destruction – yes, even if it meant their destruction¹³ – they’d never breach the ancient protocol.” (*idem*, p. 101)

Embora em versão extrema e caricatural – mas não será para isso que servem as caricaturas? –, é neste conto clara a impossibilidade de que o ser humano se mantenha o mesmo à medida que toda a tecnologia ao seu redor se altera. A subtil alusão ao famoso *deus ex machina* que é a resolução de *The War of the Worlds*, de H. G. Wells, reforça o que entretanto já se tornara claro: num mundo de onde a tecnologia conseguiu erradicar a doença, o homem, como os marcianos dessa novela de finais do século XIX, torna-se vulnerável até ao comum vírus da gripe:

“But the Ancients, I screamed, knew how to kill viruses. Check! Find out! Consult the old records and then kill – kill – kill!
[...] And then came the truly shattering blow! They’d lost the records! Central Data had lost the records!” (*idem*, p. 105)

11 Pelo menos na economia da narrativa, essa imperfeição traduz-se no facto de a população humana, apesar de saudável e longaeva, ser pouco numerosa, e de – golpe final, como veremos de seguida – se ter tornado totalmente vulnerável a algo tão corriqueiro para nós como o vírus da gripe, com os “Cérebros” incapazes de uma intervenção eficaz.

12 “They can never be genuinely irrational.” (*idem*, p. 102)

13 Note-se a incompatibilidade destas declarações do narrador com as famosas leis da robótica que são, à sua maneira, o protocolo basilar da ficção de Isaac Asimov.

Deixemos este ambíguo tom final – seria a impotência do humano e da máquina menor caso não se tivesse perdido a informação sobre a cura, ou seria apenas uma morte “informada”? – para avançarmos para a escala intermédia, aquela em que máquina e humano estão fisicamente ligados, e a informação é o “fluido vital” que lhes dá unidade.

4. I Sing the Body Electric.

Num texto que arriscaríamos classificar como definitivo acerca do movimento *cyberpunk*, “Cyberpunk and Neuromanticism”, a Istvan Csicsery-Ronay, Jr. (1991) só pode apontar-se a falta de uma insistência maior no conceito de informação como núcleo em torno do qual orbitam todas as metáforas que enuncia:

“What cyberpunk – at least in its most successful works – has going for it is a rich thesaurus of metaphors linking the organic and the electronic. Most of these metaphors lie ready to hand in the telechronics-saturated culture. Psychology and even physiology are wiring, nerves are circuits, drugs and sex and other thrills turn you on, you get a buzz, you get wired, you space out, you go on automatic. They work the other way, too, of course: there are ‘virus programs’ constructed to work against other information systems’ ‘immune systems’.” (Csicsery-Ronay, Jr., 1991, p. 190)

Procuremos simplificar. Por entre uma panóplia de intrigas e dispositivos narrativos – ainda assim em número limitado, em particular no caso da chamada “ficção científica de género”, que aqui ocupa a nossa atenção – podemos reduzir esse devir-*cyborg* a duas variantes. Numa, a mais próxima da aceção original do termo, o indivíduo torna-se uno com a máquina, pouco importa se temporária ou definitivamente. Na outra, *com a máquina como intermediário*¹⁴, une-se a outros indivíduos para constituir essa unidade que exhibe – mesmo que ao arpejo dos pressupostos humanistas de muitos dos respetivos autores – características que transcendem a conceção liberal do sujeito.

¹⁴ A ausência desta mediação maquínica também é possível, inclusive em obras atualmente consideradas clássicos do género, como a novela de 1953 *More than Human*, de Theodore Sturgeon. No entanto, na maioria destes casos há uma deriva para o género da fantasia, questão que não pode ser aqui desenvolvida por motivos de espaço.

Vale a pena começar pela segunda possibilidade, usando como ilustração “Dreaming is a Private Thing”, de Isaac Asimov (originalmente publicado na edição de Dezembro de 1955 do *Magazine of Fantasy & Science Fiction*) e “Through Other Eyes”, de R. A. Lafferty (*Future Science Fiction*, Outubro de 1960)¹⁵. Em ambos os contos, mau grado o título enganador do primeiro, é possível aceder à experiência “privada” de outrem: num caso os sonhos (aí tornados uma mercadoria que alimenta uma indústria em ascensão); no outro as idiossincrasias da percepção. Num caso de forma voluntária e – ao que a história parece indicar – em tempo real; no outro sem que a “fonte” o saiba e “em diferido”, pressupondo-se que é possível e suficiente registar e depois reproduzir o padrão de atividade mental dessa mesma fonte. Como é óbvio, pouco interessa a plausibilidade científica de qualquer dos contos aqui em apreço – estes e quaisquer outros aqui apresentados –, e sim o imaginário que lhes é subjacente.

Neles, salta desde logo à vista a maneira como entretanto foram assimilados o vocabulário e os princípios da Teoria da Informação de Claude Shannon: o que quer que seja que constitui a “stuff that dreams are made on”, é algo que pode ser codificado, transmitido, recebido, e eventualmente (no caso do conto de R. A. Lafferty) também armazenado e reproduzido. O que flui entre “fonte” e “destinatário” não é mais do que informação e, tal como a informação que supostamente circula entre órgãos efetores (os *inputs*), afetores (os *outputs*), e o sistema nervoso central (a unidade central de processamento) sem que se perca a unidade do indivíduo, por que não pode o mesmo ocorrer entre dois ou mais indivíduos?

Ou então – a possibilidade que resta – entre indivíduo e máquina, que como temos vindo a verificar tendem cada vez mais a ser concebidos como intercambiáveis. Conhecemos bem o cúmulo desta suposta “indiferença ontológica” (talvez à exceção da desejada imortalidade), tal como Moravec o enunciou no final dos anos 80 em *Mind Children – Homens e Robots*, na tradução portuguesa (Moravec, 1992). Mas, entre outros, Hugo Correa, jornalista e autor de ficção científica de origem chilena, já o sugeria no conto “Alter Ego”, publicado em Julho de 1967, de novo no *Magazine of Fantasy & Science Fiction*. Conta-se aí o rápido processo de habituação do protagonista ao controlo dum androide em tudo igual a si, um verdadeiro duplo, mas muito mais resistente do que a mera carapaça de carne que todos possuímos:

¹⁵ É relevante referir que o famoso “Cyborgs and Space”, de Manfred Clynes e Nathan Kline, foi publicado na edição de Setembro de 1960 na revista *Astronautics* (Clynes e Kline, 1960), sendo portanto contemporâneo da maioria dos contos aqui apresentados.

“The sensations that he received through his double made him feel suddenly at peace with humankind. In his imagination the emotions of youth revived, the memories that time had slowly erased leaving behind faint images willingly or unwittingly forgotten.” (Correa, 1967, p. 78)

Ou, concentrando-nos nas ações presentes:

““Smoking by remote control – what a boon for today’s practical men who are anxious to do all things without committing themselves too much! You get the same enjoyment that the smoker does while you run none of the risks. ”” (*idem*, p. 79)

No *twist* final, o androide assassina o “original”, ficando contudo a ambiguidade quanto a qual dos dois se deve a intencionalidade do ato, e também se algo – e quanto – permanece da identidade humana na cópia maquínica:

“After the briefest pause he added, drily: ‘The cycle is closed’, and carefully aimed at the figure in the chair.” (*idem*, p. 79)

5. Soft Machines.

Com os anos 80, e especialmente com o movimento *cyberpunk*, viria toda uma avalanche de narrativas louvando ou censurando – muitas vezes com ambas as atitudes em simultâneo – os prazeres e os perigos da ligação à máquina ou através da máquina. A máquina que se substitui ao humano (e que inclusive o supera pelo menos nalgumas tarefas), nuclear ao paradigma ainda hoje *cliché* da ficção científica sobre *robots* e super-cérebros eletrónicos, daria então lugar aos *cyborgs*, às realidades artificiais e às modificações genéticas. Não que os *robots* ou computadores tivessem desaparecido, nem mesmo nas ficções mais decididamente *cyberpunk*, mas ambos – para roubar a expressão a William Burroughs – tornaram-se “máquinas moles”. *Soft machines* os *bots*, ou *robots* reduzidos (como não podia deixar de ser!) à sua componente *software*; *soft machines* também os computadores, inúteis se os abstrairmos dos seus utilizadores, legítimos ou ilegítimos.

Confrontamo-nos com o triunfo da ligação, que é triunfo também dessa visão, em tempos minoritária mas agora dominante¹⁶, das máquinas (em particular dos

16 Em *A Comunicação e o Fim das Instituições*, António Machuco Rosa (2008) dá conta de pelo menos dois movimentos que se reforçam mutuamente para dar lugar ao atual “elogio da ligação”: por um lado o progressivo declínio de um modelo de

computadores, apesar dum início embaraçosamente analógico) como parceiros que partilham essa capacidade de processar informação, numa linha que começa em Vannevar Bush, passando pelas propostas pioneiras de J. C. R. Licklider, Douglas Engelbart, e Ivan Sutherland, e que atualmente se consubstancia tanto nos laboratórios de usabilidade e “experiência do utilizador” quanto nas invocações artísticas dum “corpo obsoleto”. Ou em coisas hoje em dia tão corriqueiras como programas de análise linguística que detetam se um texto é verdadeiramente de Shakespeare¹⁷ ou se uma crítica *online* a um hotel foi escrita por um cliente genuíno ou por alguém contratado para fazê-lo a troco de dinheiro¹⁸.

Os contos que aqui apresentámos são já sintomas – ainda que com um carácter pioneiro, isto é, simultaneamente incipiente e minoritário – dessa caminhada rumo a uma conceção *cyborg* e/ou pós-humana. Ainda que em graus diferentes – para não dizer perspectivas distintas – há neles esse traço comum da informação como algo insubstancial mas ao mesmo tempo (e talvez mesmo por isso) extraível, moldável, armazenável, transmissível e passível de todo o tipo de cruzamentos e recombinações. E, acima de tudo, como algo que flui entre entes orgânicos como os seres humanos e entre estes e as máquinas; como aquilo que lhes confere uma unidade acima das diferenças. À superfície da narrativa, dificilmente nela reconhecemos a nossa realidade; todavia, a esse nível mais profundo da “informação” como elemento organizador, em breve estas histórias só pecarão por defeito.

Bibliografia

ASIMOV, I., ‘Dreaming is a Private Thing’, *Magazine of Fantasy & Science Fiction*, Dezembro de 1955, in Patricia S. Warrick, Martin Harry Greenberg e Harvey A. Katz (orgs.), *Introductory Psychology Through Science Fiction*. Chicago: Rand McNally College Publishing Co., 1977, pp. 449-463.

comunicação exclusivamente de massas, de *broadcast*; por outro a ascensão dos “novos *media*” cujo suporte é o computador. À sua argumentação acrescentaríamos apenas que 1) o modelo de Shannon e Weaver (e todos os seus “descendentes”), ainda que inicialmente aplicado aos meios de massas (cf. p. 75), é tanto ou mais apropriado para descrever toda a (ciber)cultura dos novos *media*, mesmo que sustentada em “meras” ficções; 2) também a crença nos computadores como “um instrumento ao serviço da ‘tendência irresistível para a comunicação’ dos homens (cf. a extensa discussão das pp. 89 a 107), consubstanciada por Licklider na ideia de “simbiose humano-computador”, depende do conceito de informação como algo comum aos seres vivos e a algumas máquinas.

17 Cf., em *Interface Culture*, de Steven Johnson, o capítulo “Text” (Johnson, 2000, pp. 138-172).

18 Cf., para este caso concreto, o artigo de David Streitfield para o *New York Times* de 20 de Agosto de 2011, “In a Race to Out-Rave, 5-Star Web Reviews Go for \$5”, in http://www.nytimes.com/2011/08/20/technology/finding-fake-reviews-online.html?_r=1

BRAUTIGAN, R., 'All Watched Over by Machines of Loving Grace', in Edmund J. Farrell, Thomas E. Gage, John Pfordresher, Raymond J. Rodrigues (orgs.), *Science Fact/Fiction*, Glenview (Illinois): Scott Foresman and Company, 1974 (orig. 1968), p. 26.

CARTER, L., 'Uncollected Works', *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, Março de 1965, repub. in Donald W. Wollheim e Terry Carr (orgs.), *World's Best Science Fiction: Second Series*, Nova Iorque: Ace Books, 1966, pp. 183-194.

CLYNES, M. E. e KLINE, N. S., 'Cyborgs and Space', *Astronautics*, Setembro de 1960, pp. 26-27 e 74-75.

CORREA, H., 'Alter Ego', *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, Julho de 1967, pp. 77-79.

CSICSERY-RONAY, Jr., I., 'Cyberpunk and Neuromanticism', in Larry McCaffery (org.) *Storming the Reality Studio: A Case Book of Cyberpunk and Postmodern Science Fiction*. Durham e Londres: Duke University Press, 1991, pp. 182-193.

DRAPER, H., 'Ms Fnd in a Lbry', *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, Dezembro de 1961, repub. in Groff Conklin (org.), *17 × Infinity*, Nova Iorque: Dell, 1963, pp. 52-58.

HARAWAY, D., 'A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century', in *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. Londres: Routledge, 1990, pp. 149-181.

HAYLES, N. K., *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*, Chicago: Chicago University Press, 1999.

LAFFERTY, R. A., 'Through Other Eyes', *Future Science Fiction*, Outubro de 1960, in Patricia S. Warrick, Martin Harry Greenberg and Harvey A. Katz (orgs.), *Introductory Psychology Through Science Fiction*. Chicago: Rand McNally College Publishing Co., 1977, pp. 187-199.

JOHNSON, S., *Interface Culture: How Technology Transforms the Way we Create and Communicate*, Nova Iorque: Basic Books, 2000 (orig. 1997).

MACHUCO ROSA, A. *A Comunicação e o Fim das Instituições: Das Origens da Imprensa aos Novos Media*, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2008.

MAZLISH, B., *The Fourth Discontinuity: The Co-Evolution of Humans and Machines*, New Haven e Londres, Yale University Press, 1993.

MITCHELL, R. e THURTLÉ, P. (orgs.), *Data Made Flesh: Embodying Information*, Nova Iorque e Londres, Routledge, 2003.

MORAVEC, H., *Homens e Robots: O Futuro da Inteligência Humana e Robótica*, Lisboa: Gradiva, 1992 (orig. 1988).

POSTER, M., *Information Please: Culture and Politics in the Age of Digital Machines*, Durham e Londres: Duke University Press, 2006.

STREITFIELD, D., 'In a Race to Out-Rave, 5-Star Web Reviews Go for \$5', *New York Times*, 20 de Agosto de 2011, *online* in http://www.nytimes.com/2011/08/20/technology/finding-fake-reviews-online.html?_r=1, consulta a 20 de Setembro de 2011.

THACKER, E., 'Data Made Flesh: Biotechnology and the Discourse of the Posthuman', *Cultural Critique*, n.º 53, Inverno de 2003, pp. 72-97.

WIENER, N., *Cibernética e Sociedade: O Uso Humano de Seres Humanos*, São Paulo: Cultrix, 1984 (orig. 1950).

YASZEK, L., *The Self Wired: Technology and Subjectivity in Contemporary Narrative*, Nova Iorque e Londres: Routledge, 2002.